A brincadeira como solução - Izabel de Madureira Marques

Izabel de Madureira Marques

"De uma ou de outra forma nossa teoria inclui a crença de que viver criativamente constitui um estado saudável, e de que a submissão é uma base doentia para a vida." (D. W. Winnicott, 1971, p.95)

Brincar pode ser uma excelente ferramenta no trabalho em educomunicação. Veremos aqui como a idéia de brincadeira como opção de trabalho pode solucionar problemas aparentemente insolúveis.
Na última reunião de formação do NAE 4, dia 15/05/03, a equipe de capacitadores enfrentou um grande dilema. Como é usual, recebemos da Coordenação do Projeto Educom.rádio orientações para as atividades de sábado — com descrições detalhadas dos procedimentos, seqüência das ações e esclarecimentos dos objetivos. Desta vez, no entanto, a orientação proposta causou vários incômodos na equipe.
Segundo a pauta definida, deveríamos adotar excepcionalmente alguns procedimentos contrários aos preceitos da educomunicação, a saber: o controle rigoroso do tempo de duração de cada etapa de trabalho; a determinação autoritária e hierárquica de aspectos do programa de rádio,— como o gênero ("jornalístico"), a pauta ("uma retrospectiva do curso em andamento") a duração ("cinco minutos") e o conteúdo das propagandas (que "somente poderão servir de elogio ao Educom.rádio"). O mediador deveria se encarregar de cronometrar a duração das produções e interromper a audição "nos casos de desrespeito ao comando". No momento da avaliação, a equipe deveria finalmente dizer aos estudantes que tudo não passava de "uma provocação" e que, afinal, os modelos de relação autoritários e intransigentes são justamente o que a Educomunicação vem a criticar e problematizar.
Terminada a leitura das orientações na reunião de formação, reclamações e críticas pipocavam na equipe. O capacitador Elton incomodava-se com a idéia de assumir uma postura autoritária. As capacitadoras Ana Maria e Cláudia preocupavam-se com a reação dos alunos aos comandos. O formador Claudemir também sentia-se desconfortável em assumir perante estudantes e professores uma postura diferente (mesmo oposta) daquela na qual baseia seu trabalho (com os professores, estudantes e com a equipe de capacitadores).
A problemática estava posta. Cada um com suas razões, os membros da equipe enfrentavam dificuldades em seguir as orientações propostas pela Coordenação. No entanto, as orientações deveriam, - pelo planejamento, cronograma e organização interna do projeto – ser seguidas.
Frente ao problema, eu pensei que tal configuração apresentava-nos ao menos cinco questões:
1.Como tornar o trabalho da equipe viável sendo que os capacitadores e o formador não estão de acordo com as orientações - e no entanto elas precisam ser seguidas?
2.Como assumir um papel autoritário e rígido sendo que toda nossa formação está baseada nas relações educomunicativas?
3.Como garantir o interesse, o prazer e o envolvimento dos cursistas em um trabalho conduzido sob pressão, controle e punições?
4.Como estimular e promover os objetivos do projeto Educom.rádio ("fazer do rádio um instrumento que promova a criação de ecossistemas comunicativos facilitadores de relações mais solidárias entre os habitantes do espaço educativo") ao assumir uma postura antidemocrática?

E por fim, - e talvez a mais importante:

5. Como modificar - bruscamente e sem razão aparente - o tratamento aos cursistas (de amistoso e próximo a controlador e punitivo) sem macular o vínculo estabelecido?

Pude notar que todas as razões apontadas pelos capacitadores e formador para não seguir as orientações tal como se apresentavam poderiam ser resumidas em um desconforto em relação a possíveis prejuízos da qualidade do relacionamento estabelecido com os cursistas. Pareceu-me claro que toda a equipe rejeitava as orientações por força de um compromisso com o vínculo conquistado e

estabelecido (com muito esforço e dedicação). Era evidente que de alguma forma a "transformação" de mediadores – que sempre fomos – em "chefes", "autoridades" ou "fontes de controle" poderia colocar em risco não apenas a confiança depositada no grupo, como a credibilidade, a legitimidade e o atrativo do projeto Educom.rádio.
A equipe incomodou-se principalmente com o tom de "experimento" das atividades, como se os cursistas assumissem postos de "cobaias" de um modelo rígido de relação e de trabalho para, ao final, serem avisados de que tratava-se apenas de um "trote" ou algo parecido. Ficou claro para mim que o principal incômodo provocado pela proposta foi causado pela desconsideração do vínculo como a principal conquista do trabalho da equipe até o momento.
A teoria psicanalítica considera que o fenômeno mais importante, determinante e fundante das relações humanas é o sentido do vínculo. Chamado em termos técnicos de transferência, este sentido é de fato o que determina o sucesso ou o insucesso de qualquer fenômeno interpessoal.
Pensando nestes aspectos, concluí que a problemática resumia-se à seguinte questão: Como seguir as orientações sem prejudicar o vínculo conquistado? Foi novamente a teoria psicanalítica que me ajudou a pensar em uma solução, que foi prontamente aceita pelo grupo: brincar.
A equipe já havia concluído que a idéia por trás das atividades propostas era pertinente, isto é, através de uma vivência, refletir sobre as relações de autoridade e controle, monopólio de poder decisório, rigidez e comportamentos antidemocráticos. No entanto a forma de condução das atividades deveria ser reestruturada. Uma adaptação era necessária.
Foi então que eu propus ao grupo a seguinte ideía: em vez de contar aos cursistas sobre a "encenação" só no fim das atividades, o melhor seria fazer a proposta como uma brincadeira. Logo do início do dia, convidaríamos os cursistas para fazer uma atividade diferente.
Diríamos a eles: "Pessoal, hoje nós vamos fazer uma brincadeira. Vamos fazer-de-conta que temos uma emissora de rádio de verdade? Nós, da equipe de capacitadores, podemos ser os funcionários dessa emissora: este é o dono da emissora, o chefão — e ele é muito bravo! —, eu sou a editora-chefe, ela é.... " e assim por diante. Propus ainda a criação de nomes fictícios para os "personagens", a fim de realçar o aspecto teatral da atividade. Os cursistas também poderiam criar seus próprios personagens, seria ainda mais interessante — e sobretudo divertido. Ao final das produções e audições, a avaliação serviria como espaço para a troca de impressões sobre a vivência, para o relato de incômodos (com o tratamento do "chefe", de "colegas", etc) e para suscitar críticas a um modelo tradicional de produção de rádio — e de educação.
Dessa maneira, a atividade, que inicialmente poderia soar como um "trote" ou como uma provocação desagradável, transformou-se em um exercício lúdico, prazeroso e que, acima de tudo, contou com a concordância dos cursistas. Minha idéia de transformar a atividade em uma brincadeira acabou surtindo um efeito surpreendente de sanar os aspectos do problema inicial:

1.A brincadeira tornou o trabalho da equipe viável e conseguiu, ao mesmo tempo, atender os objetivos propostos. Tornou possível ainda a concordância de toda a equipe de capacitadores e formador;
2.Brincando, representando teatralmente um papel, foi possível assumir uma postura autoritária e rígida sem interferir em nossa postura ética e sem entrar em choque com nossa formação como educomunicadores;
3.Ao propor uma brincadeira, um jogo, um exercício lúdico, conseguimos garantir o interesse, o prazer e o envolvimento dos cursistas em um trabalho conduzido sob pressão, controle e punições, por virem de personagens, e não de pessoas reais;
4.Apenas brincando é possível promover os objetivos do projeto Educom.rádio ("fazer do rádio um instrumento que promova a criação de ecossistemas comunicativos facilitadores de relações mais solidárias entre os habitantes do espaço educativo") ao assumir uma postura antidemocrática (como um personagem);

E principalmente:

5. Com o jogo teatral proposto (e aceito pelos cursistas), conseguimos modificar o tratamento dedicado

aos cursistas (de amistosos a controladores e punitivos) sem macular o vínculo estabelecido.

A teoria psicanalítica de Donald Winnicott está fundamentada no brincar — e foi em seus fundamentos que eu me baseei para criar a proposta citada. Segundo Winnicott, só a atmosfera da brincadeira soluciona situações paradoxais e dilemáticas (como as vividas pela equipe na reunião de formação).
Em "O Brincar & a Realidade" (1971), Winnicott afirma:

"É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação. (...) Ligado a isso, temos o fato de que somente no brincar é possível a comunicação; (...) a reverberação depende de que o indivíduo possa ter refletida de volta a comunicação (...) feita ao terapeuta (ou amigo) em quem confia. Nessas condições altamente especializadas, o indivíduo pode reunir-se e existir como unidade, não como defesa contra a ansiedade, mas como expressão do EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo. (Winnicott, 1971) Neste posicionamento tudo é criativo.(...)"
"(...) a brincadeira é universal e é própria à saúde: o brincar facilita o crescimento; conduz aos relacionamentos grupais e pode ser uma forma de comunicação (...)" (p.63)

E ainda:

"O brincar implica em confiança (...)" (p.76)

Mas como assumir, ao mesmo tempo, um papel autoritário na brincadeira e uma postura educomunicativa? Essa foi a questão levantada por Elton em nossa reunião: "Não sei se consigo ser "bravo" ou "carrasco" com eles... e se eles pedirem minha ajuda?"
Respondi ao Elton: "leve a brincadeira a sério! Você estará sendo um personagem naquela hora e o personagem é diferente de você".
Brincar, como neste exercício teatral, exige dos capacitadores alguns cuidados:

1.Não sair do personagem assumido em nenhuma hipótese, durante a duração da atividade. Só a discriminação clara entre personagem e pessoa real possibilita a reflexão;
2.Garantir a produção do trabalho, o diálogo e o trabalho em equipe através dos personagens, garantindo que a brincadeira ofereça um espaço de espontaneidade;
3.Esclarecer muito bem a natureza e o objetivo da brincadeira no momento de avaliação. Só quando as "broncas" são entendidas como parte da brincadeira é que a atividade se torna produtiva, garantindo ao mesmo tempo a manutenção de um vínculo positivo.

Com estes cuidados, não há porque temer uma possível "confusão" entre os personagens e os educomunicadores reais. É muito diferente exercer uma postura autoritária e brincar de exercer uma postura autoritária. É muito difícil para um educomunicador (assim como para qualquer indivíduo ético) agir de forma contrária àquilo em que acredita, mas não é difícil representá-lo. A encenação, a interpretação de um modelo de relação antidemocrática não implica em riscos para o papel de educomunicador. Pelo contrário: ao exercitar o trânsito de papéis, o educomunicador age de acordo com os próprios fundamentos da gestão comunicativa: promove a critica e a produção ativa de significados. Além disso, o vínculo entre capacitadores e cursistas, ao invés de prejudicado ou enfraquecido, é fortalecido pelo exercício do brincar. Ao brincarem juntos, capacitadores e cursistas aproximam-se de maneira vital, criativa e acima de tudo, prazerosa.
A brincadeira é uma atividade totalmente livre e promove um processo profundo de simbolizarão e ressignificação de modelos já assimilados. A caricaturização dos personagens (chefes "carrascos", "implacáveis", etc) ao invés de confundir os cursistas, acabou exercitando o pensamento, a crítica e a capacidade de discriminação (por exemplo, entre o que é educomunicativo e o que não é).
É importante lembrar ainda que ao assumirmos personagens, também promovemos e convidamos os cursistas a assumir novos papéis, seja na brincadeira, seja na realidade:
Na brincadeira, possibilitamos que os cursistas entrem em contato com as vicissitudes de uma emissora

de rádio real, com seus problemas, limitações, obstáculos. Promovemos a abertura da experiência radiofônica para níveis ainda não explorados: Como é produzir um programa de rádio, trabalhar em equipe, realizar levantamento de pauta, produção, gravação e avaliação segundo um modelo rígido? Como trabalhar "por encomenda", onde não se é livre para decidir tema, duração, características da peça radiofônica? Que tipos de dificuldades surgem no grupo com limitações de tempo, tema e controle externo constante?
Estes questionamentos também possibilitam a assunção de novos papéis na vida. A reflexão decorrente da vivência de um modelo limitante possibilita a apropriação de novos papéis perante a educação, a comunicação, as relações humanas. Professores que sentem na pele as dificuldades de um ambiente excessivamente controlador passam a repensar suas práticas na sala de aula. Estudantes que vivem um momento de pressão intensa e obstáculos de vários níveis passam a refletir sobre as práticas autoritárias e produzem pensamentos críticos.
Mesmo os educomunicadores sofrem um processo de transformação e desacomodação: formados e preparados para o exercício da gestão comunicativa, experimentam, ludicamente, assumir justamente as posturas que criticam.
Por todos estes ricos efeitos do brincar, podemos dizer que os objetivos de uma verdadeira gestão comunicativa foram alcançados.
Bem sabemos que a educomunicação é um campo de estudo e de intervenção social voltado para a construção de ecossistemas comunicacionais em espaços educativos. Entendendo o processo de aprendizagem como uma produção ativa e criativa de sentidos, onde não cabe falar em transmissão unilateral do saber, ensino "vertical" e recepção passiva de informações, o campo educomunicativo promove o exercício responsável e engajado da cidadania. A partir de seus três princípios fundamentais (educação para comunicação; apropriação das tecnologias e mídias pela educação e gestão comunicativa), a educomunicação vem a promover a leitura crítica não só das mídias como das relações.
Sujeitos que tenham desenvolvido a capacidade crítica estão imunes à alienação, à influência passiva e à aceitação imediata de discursos ideológicos. O educomunicador deve, assim, assumir a postura de promotor da ética, da responsabilidade e de recepção ativa, produtiva de informações, conhecimentos, projetos e mídias.
Define o prof. Ismar Soares:

"As práticas da gestão comunicativa buscam convergências de ações, sincronizadas em torno de um grande objetivo: ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas. Para tanto, supõe uma teoria de ação comunicativa que privilegie o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social para os produtores culturais; uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; uma política de uso dos recursos da informação de acordo com os interesses dos pólos envolvidos no processo de comunicação (produtores, instituições mediadoras e consumidores da informação), o que culmina com a ampliação dos espaços de expressão. (...)"
"(...) as universidades deveriam, a essa altura dos acontecimentos, abrir-se para formar um novo especialista, o educomunicador 'o novo profissional, que atua ao mesmo tempo no campo da educação e da comunicação, movido pela formação de cidadãos críticos, participativos e inseridos em seu meio social.'(Ministério da Educação. Mídia & Educação, p.31)" (Soares, p.43-44)

Conclusão

Na realidade, o trabalho conduzido no sábado dia 17/05/03 já havia se iniciado na reunião de formação – visto que trata-se de um processo. As atividades que vimos realizadas no sábado confirmaram minha idéia de que o brincar é uma solução criativa e profundamente transformadora. O que vi acontecer foi a utilização da linguagem teatral para fins educomunicativos. Uma idéia surgida espontaneamente (como uma brincadeira no exercício livre de pensamento) possibilitou a solução de um dilema — e a alegria do dia!

"Brincar, essencialmente, satisfaz"

D.W.Winnicott (1971, p.77)

autora: Izabel de Madureira Marques. Psicóloga formada na USP, com especialização em Orientação Vocacional. Trabalha na ONG Cidade Aprendiz e é capacitadora do NAE4

Referências Bibliográficas

FREUD, S. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago Editora.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos. In: Caminhos da educomunicação – Cadernos de educomunicação 1. NCE-ECA-USP, São Paulo, Editora Salesiana, 2001.

WINNICOTT, D. W. O Brincar & a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1971.